

VOZES QUE INSPIRAM: A IGUALDADE DE GÊNERO EM FOCO

ALBERTON, Arlindo¹

BOLL, Juliana Pereira Scoss²

ZILIO, Katia Cristina Schumann³

RESUMO

A construção de representações e papéis sociais ao longo da história tem ocupado significativo espaço nos trabalhos acadêmicos e nas pesquisas nas mais diversas áreas. Ao largo do mote extremista e dos discursos que instigam o ódio e a fragmentação social, trazer à tona essas temáticas nos espaços escolares se torna uma ferramenta fundamental na desconstrução das narrativas que naturalizam as desigualdades, a segregação e a exclusão das minorias. O projeto "Vozes que inspiram" visa a celebrar o Dia Internacional da Mulher, destacando a importância das contribuições femininas na sociedade e promovendo a igualdade de gênero. Mediante uma série de atividades educacionais e culturais, o projeto busca empoderar mulheres e meninas, dando visibilidade a histórias inspiradoras e fomentando um ambiente de respeito e reconhecimento. Esse projeto tomou como sujeitos os alunos do 9º ano do ensino fundamental e da 2.ª série do ensino médio, que, por meio de atividades planejadas como leituras, debates e palestras, ouviram psicólogos, policiais civis, delegado e assistentes sociais da comunidade para contribuírem com a discussão sobre as mulheres em situação de vulnerabilidade na região de Curitiba, em Santa Catarina. Atividades como sessões de leitura de obras literárias escritas por mulheres como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo inspiraram as discussões e a elaboração de uma moção de apoio junto à Câmara Municipal de Vereadores e ao prefeito municipal. Nessa perspectiva, considerar os espaços ocupados pelas mulheres na sociedade atual é prerrogativa para tal construção. É salutar dar voz para aquelas que constituem a realidade e vivenciam essa condição. O projeto "Vozes que inspiram" buscou criar um ambiente de reflexão e ação em que mulheres e meninas possam se sentir valorizadas e motivadas a seguir seus sonhos. Ao promover a igualdade de gênero e combater estereótipos, o projeto buscou contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Gênero. Igualdade. Feminino.

Um olhar inicial

Entendemos que as representações dos papéis sociais que se desenvolveram ao longo da história nos conduzem a olhares muitas vezes reducionistas sobre fatores que interpretam o comportamento humano. Apesar das lutas que já foram empreendidas acerca das diferenças entre homens e mulheres e das narrativas que circundam essa temática, pensamos ser importante abordar as desigualdades, a segregação e a exclusão das minorias.

¹ Mestre em educação. Professor da área de Ciências Humanas no Colégio Maria Imaculada. E-mail: arlindoalberton@gmail.com

² Mestre em educação. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Maria Imaculada. E-mail: julianascossboll@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Linguagem. Professora do Colégio Maria Imaculada. Email: kacriszilio@gmail.com

“Vozes que inspiram” é um projeto que celebra o Dia Internacional da Mulher na perspectiva da desconstrução dessas narrativas e da promoção da igualdade de gênero, empoderando mulheres e meninas e oportunizando visibilidade de histórias que podem ser inspiração para o respeito e o reconhecimento da mulher na sociedade. A principal justificativa para o desenvolvimento de um projeto dessa monta se encontra nas reflexões acerca do Dia Internacional da Mulher e dos casos de violência que transitam em diversas mídias.

O objetivo deste texto é socializar as atividades realizadas no Colégio Maria Imaculada, em Curitiba, em Santa Catarina. Elas se originaram em leituras de diversos gêneros, palestras e debates, e culminaram na escrita de uma moção de apoio à construção de uma casa de acolhimento proposta à Câmara de Vereadores e ao prefeito do município.

Este trabalho se desdobra na explanação de fatores teóricos que embasam o desenvolvimento desse projeto, no acolhimento da proposta e em etapas pelas quais ele se torna realidade. Por último, expressamos as considerações finais, as quais apontam para as conquistas que obtivemos nesse percurso.

De que voz nos lembramos?

O caminho da igualdade de gênero é, de certa forma, o caminho da humanidade. Reconhecer o ser humano como único nas suas diferenças e peculiaridades nos faz refletir acerca das desigualdades a que muitos são submetidos.

O exercício a que nos dispomos enquanto seres pensantes é proporcional aos desejos de integridade de direitos a todos. Discutir sobre direitos humanos na escola e retomar a ideia de equidade pode fazer ecoar muitos gritos dos excluídos. Freire (1996, p. 133) afirma que o exercício crítico da resistência ao poder manhoso da ideologia gera qualidades que vão se transformando em sabedoria indispensável à prática docente. É necessário, diz o autor, que “[...] tenhamos disponibilidade à vida e aos seus contratempos” (Freire, p. 134). Por isso, quando pensamos em refletir sobre as desigualdades inspirados no Dia Internacional da Mulher, não é possível fazê-lo sem observar o que nos circunda e faz sofrer tantas famílias.

Nessa esteira, Chimamanda (2015) nos impele à ideia de que precisamos ser todos feministas. Logo, a luta não é só das mulheres ou só dos homens, mas de todos por todos, visto que as desigualdades fragilizam não só aquele que as sofre, mas todos que as circundam.

A construção de uma consciência crítica e a busca pela superação do “status quo” que subjaz os direitos e discrimina grupos sociais/econômicos/étnicos/culturais exigem dos profissionais e das instituições clareza nas concepções e ações de enfrentamento da realidade.

De acordo com Friednan (1971, p. 27), “[...] o problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito”. O estudioso defende um olhar atento à formação de gerações que superem a dicotomia do gênero e percebem a humanidade como condição de existência.

Além das circunstâncias, necessita-se do olhar consciente de si, da própria capacidade. Como nos adverte Jesus (2014, p. 64), “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: – É uma pena você ser preta. Esquecendo que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] Se é que existem reencarnações, eu quero voltar sempre preta”. A autoconsciência nos permite olhar a realidade de maneira autêntica e original, apoiados nos que nos precederam, valorizando o que foi conquistado e prospectando um mundo mais igualitário.

Um olhar para quem olha por nós

O Colégio Maria Imaculada tem a educação como missão a partir do carisma de Emilie de Villeneuve. Acolher àqueles que sofrem, assim como a fundadora o fez há tanto tempo, faz desse projeto uma jornada que se desdobra em etapas inspiradas nessa mulher à frente do seu tempo.

O planejamento atinente às reflexões sobre o Dia Internacional da Mulher reuniu professores das áreas de linguagem e humanas, a fim de pensarem como discutir sobre essa temática e, ao mesmo tempo, proporem ações que pudessem, de alguma forma, incidir na realidade daquelas que sofrem violências em decorrência de gênero.

Inspirados pelas leituras de “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, e de “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, alunos do 9º ano do ensino fundamental e da 2.ª série do ensino médio e professores compuseram o caminho de buscas e pesquisas acerca do tema.

Palestras de psicólogos, policiais civis e delegado sobre mulheres em situação de vulnerabilidade na região em que o colégio está inserido contribuíram para que as discussões alcançassem o objetivo a que o projeto se propunha desde o começo: uma ação que reverberasse na comunidade.

As etapas posteriores atentaram a respeito de como se poderia incidir sobre a realidade exposta durante os estudos realizados. Por conseguinte, a ideia de produzir documento formal, escrito, para que se investisse numa casa de acolhimento para mulheres e seus filhos vítimas de

violência foi tomando corpo. Com isso, uma moção coletiva que demonstrou a necessidade de um abrigo seguro para as mulheres e os filhos, a fim de protegê-los contra os agressores, mobilizou principalmente o ensino médio.

Produzido o documento a muitas mãos, cabia agora a entrega formal e pública, para haver responsabilização relativa ao pedido. Isso aconteceu em uma sessão da Câmara de Vereadores e no gabinete do prefeito municipal, que acolheram a moção e se dispuseram a articular formas de atender o pedido.

Em razão de toda a movimentação realizada na escola e na comunidade, acreditamos que foi dado um passo importante quanto ao exercício real da cidadania e à participação social. O olhar cuidadoso para o outro, assim como fez Emilie, deu o tom da finalização desse projeto e originou este trabalho.

Do olhar que tivemos para outros olhares, enfim...

À guisa de conclusão, esperamos que o projeto ainda possibilite novas incursões, as quais permitam outros estudantes, assim como mais professores, encontrarem, como afirma Ribeiro (2021), um “lugar de fala”.

Falar, refletir, estudar, compreender a realidade e, a partir dela, transformar e transformar-se é o que move a escola e, mais concretamente, esse projeto descrito de forma breve, porém, profícua.

Não é sobre comemorar o Dia Internacional da Mulher nem somente refletir a respeito das desigualdades e diferenças, mas sobre olhar o outro e, ao sentir que somos humanos e precisamos acreditar no bem, agir para que a Casa Comum a que se refere Emilie seja a casa de todos.

Este trabalho pousou olhares na realidade, mas não só isso. Ele desejou estender o olhar de amorosidade e equidade àqueles que dele mais necessitam. Não há recompensa maior do que ver no olhar do aluno o reflexo do benquerer. Trata-se de fazer educação.

Referenciais

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejamos todos feministas. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: sabres necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDAN, B. A Mística Feminina. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1971.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, C.M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2014.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.